



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

VITAL FABRÍCIO DO NASCIMENTO

**“NA FAIXA DE GAZA”: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA
CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS SOBRE O CONFLITO ISRAELO-
PALESTINO EM CHARGES DO JOTA CAMELO NO *INSTAGRAM***

JOÃO PESSOA

2024

VITAL FABRÍCIO DO NASCIMENTO

“NA FAIXA DE GAZA”: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS SOBRE O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO EM CHARGES DO JOTA
CAMELO NO *INSTAGRAM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba como requisito para
obtenção do título de Licenciado em Letras com
habilitação em Português.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Farias Francelino.

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244n Nascimento, Vital Fabrício do.

"Na faixa de Gaza" : relações dialógicas na construção dos sentidos sobre o conflito israelo-palestino em charges do Jota Camelo no Instagram / Vital Fabrício do Nascimento. - João Pessoa, 2024.

45 f. : il.

Orientação: Pedro Farias Francelino.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Relações dialógicas. 2. Conflito político-ideológico. 3. Israel e Palestina. 4. Charges.
I. Francelino, Pedro Farias. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 028:32

VITAL FABRÍCIO DO NASCIMENTO

“NA FAIXA DE GAZA”: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS SOBRE O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO EM CHARGES DO JOTA
CAMELO NO *INSTAGRAM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba como requisito para
obtenção do título de Licenciado em Letras com
habilitação em Português.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Farias Francelino.

Aprovado em 26 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB/DLPL/PROLING)
(Orientador)

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis (UFPB/DLPL)
(Avaliadora)

Profa. Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo (UFPB/CE)
(Avaliadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus [...]

À vóinha, Angelina Maria, e à mainha, Luzinete Fabrício, pela educação, aconchego e orações [...]; aos meus irmãos: Valteíse, Valclécia, Valmir e Vitória que, embora distantes, estiveram presentes, e a minha sobrinha/afilhada, Ana Cecília, que é meu coração fora do peito;

Ao professor Fernando Cézar Bezerra de Andrade (UFPB/CE/PPGDH) e à professora Catarina Carneiro Gonçalves (UFPE/CE), pela oportunidade de bolsas em três edições do PIBIC/CNPq/UFPB no grupo de pesquisa sobre os Massacres em Escolas, pela produção científica e por terem sido os primeiros a enxergarem e reconhecerem em mim um suposto traquejo pela pesquisa;

Ao professor Pedro Francelino (UFPB/DLPL/PROLING), pela oportunidade de bolsas em duas edições do PIBIC/CNPq/UFPB, pelas orientações e pela leveza com que as conduziu;

À professora Daniela Segabinazi (UFPB/DLCV/PPGL), pela oportunidade de participar do Projeto de Extensão *Cultura Literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir* e por contribuir significativamente em minha formação enquanto professor de Literatura. Agradeço também a todos os membros do projeto, com quem compartilhei experiências enriquecedoras durante nossos encontros;

À Talita Silvério, Samara Hellenn e Vera Lúcia, por terem tornado o curso leve, divertido e afetuosos;

Ao João Victor e à Eduarda Luna, pelos sorrisos;

À banca de defesa, pela disponibilidade e pelas contribuições a este trabalho;

E a todos que contribuíram, de algum modo, em minha formação pessoal e profissional.

[...] A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

(Mikhail Bakhtin)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A NATUREZA DIALÓGICA DA LINGUAGEM PARA BAKHTIN E O CÍRCULO ...	14
2 NO GÊNERO DISCURSIVO (CHARGE): CONTEÚDO TEMÁTICO, ESTILO E CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	19
3 HISTÓRIA, MEMÓRIA E INTERDISCURSIVIDADE: ANÁLISE DE RELAÇÕES DIALÓGICAS EM CHARGES DE JOTA CAMELO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS INACABADAS	39
REFERÊNCIAS	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem dias depois ao ato em defesa do ex-presidente e Pró-Israel na Avenida paulista 28

Figura 2 – Postagem após a repercussão do discurso do presidente Lula sobre os ataques na Faixa de Gaza 35

RESUMO

Ao longo dos séculos, o conflito entre Israel e a Palestina tem resultado em grandes tensões, em particular, no que diz respeito às disputas territoriais. Os recentes ataques na Faixa de Gaza representam a manifestação atual desse conflito. No Brasil, além do conteúdo meramente informativo, observamos uma prolífica produção de enunciados sobre o tema, em que destacamos as charges de Jota Camelo no *Instagram*. Para tanto, nosso *corpus* é constituído por duas charges coletadas no *Instagram* do Jota Camelo, no período de 01 de fevereiro a 01 de abril de 2024, e é parte da base de dados gerados pelo projeto PIBIC/CNPq/UFPB: *Relações dialógicas e bivocalidade na construção do posicionamento axiológico em enunciados religiosos de temática política na mídia virtual*. Adotamos uma metodologia de natureza qualitativo-interpretativista, quanto à abordagem dos dados, e como uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental no que diz respeito ao tratamento do *corpus* de pesquisa. Para embasar esta análise, utilizamos algumas noções desenvolvidas por Bakhtin em alguns de seus trabalhos, particularmente em textos como *Problemas da poética de Dostoiévski* (2022 [1963]) e *Estética da criação verbal* (2011 [1979]), em que exploramos as ideias fundamentais de interesse desta pesquisa que são as relações dialógicas e os gêneros do discurso, bem como outros conceitos relacionados a essas noções. Esta pesquisa propõe, portanto, analisar que relações dialógicas constroem os sentidos sobre o conflito político-ideológico entre Israel e a Palestina em charges do Jota Camelo e como o discurso midiático tem sido reinterpretado/reelaborado no contexto político brasileiro sob a ótica do chargista.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Conflito político-ideológico. Israel e Palestina. Charges.

ABSTRACT

Over the centuries, the conflict between Israel and Palestine has resulted in great tensions, in particular, with regard to territorial disputes. The recent attacks in the Gaza Strip represent the current manifestation of this conflict. In Brazil, in addition to the purely informational content, we observed a prolific production of statements on the topic, in which we highlight Jota Camelo's cartoons on Instagram. Our corpus consists of two cartoons collected on Jota Camelo's Instagram, from February 1st to April 1st, 2024, and is part of the database generated by the project PIBIC/CNPq/UFPB: Dialogic relations and bivocality in the construction of axiological positioning in religious statements with political themes in virtual media. We adopted a methodology of a qualitative-interpretative nature, regarding the approach to the data, and as a bibliographic and documentary research with regard to the treatment of the research corpus. To support this analysis, we use some notions developed by Bakhtin in some of his works, particularly in texts such as *Problems of Dostoevsky's Poetics* (2022 [1963]) and *Aesthetics of Verbal Creation* (2011 [1979]), in which we explore fundamental ideas of interest of this research are dialogical relationships and speech genres, as well as other concepts related to these notions. This research proposes, therefore, to analyze which dialogical relationships construct meanings about the Israeli-Palestinian political-ideological conflict in Jota Camelo cartoons and how the media discourse has been reinterpreted/reworked in the Brazilian political context from the cartoonist's perspective.

Keywords: Dialogical relationships. Political-ideological conflict. Israel and Palestine. Charges.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, o conflito entre os estados de Israel e Palestina tem resultado em grandes tensões, em particular, no que diz respeito às disputas territoriais. O conflito na Faixa de Gaza é uma parte intrincada do contínuo embate entre Israel e os Palestinos, marcado por confrontos ao longo das décadas, desde a Guerra dos Seis Dias em 1967 até as Intifadas de 1987 e 2000. Este território densamente povoado, sob controle do Hamas desde 2007, tem sido palco de confrontos frequentes com Israel, resultando em sérias consequências humanitárias e civis (Souza, 2023).

Os ataques do Hamas contra Israel, notadamente por meio de foguetes lançados contra cidades israelenses, desencadeiam frequentes retaliações por parte de Israel, incluindo operações militares e ataques aéreos na Faixa de Gaza. A cobertura intensa desses eventos pela mídia global destaca a violência e a tragédia humanitária, gerando debates e pressões diplomáticas em busca de soluções para o conflito Israel-Palestina (Souza, 2023).

Este tema, dada a proliferação de seu conteúdo, tem sido materializado em gêneros discursivos diversos, tais como reportagens, notícias, documentários e outros, que de maneira informacional, nos ajudam a compreender o conflito israelo-palestino em dimensões. No Brasil, além da disseminação de conteúdo meramente informacional, percebemos que há, também, uma intensa produção de enunciados que, por meio do tema, versam sobre o conflito sobre diferentes perspectivas, dentre as quais destacamos as charges de Jota Camelo no *Instagram*¹ como uma possibilidade de reinterpretação e reelaboração do fenômeno.

Perguntamo-nos, então: de que forma Jota Camelo aborda esse conflito em suas charges e de que maneira tem relacionado ao contexto político brasileiro? Nossa hipótese

¹ O chargista de esquerda Jota Camelo (nome fictício ou pseudônimo), como se identifica em seu perfil do *Instagram*, distribui, gratuitamente nas redes sociais, em blogs de esquerda e jornais sindicais, charges com temática política intrinsecamente relacionada à temática religiosa. O que sabemos sobre ele, pelas informações disponíveis em portais de notícias, é que sua produção iniciou e foi motivada pelo mandato do ex-presidente brasileiro na figura de Jair Bolsonaro, como forma de criticar o governo extremista. Dentre os objetivos de sua produção estão: a) criação de charges políticas para apoiar e defender um governo dos trabalhadores; b) tornar a criação de charges sua atividade profissional principal e c) publicar um livro reunindo todas as charges criadas até o dia do lançamento. Atualmente o chargista tem precisado de apoio financeiro neste projeto, o que tem dificultado a sua produção, mas incapaz de paralisá-la. Jota Camelo, em suas charges, buscar entreter, criticar sistemas políticos e instituições sociais diversas, provocando humor, reflexões ou até mesmo promovendo a conscientização sobre determinados temas por meio de seu trabalho artístico.

O link de acesso à página do *Instagram* de Jota Camelo para fins de consulta dos enunciados selecionados para esta pesquisa e para a contemplação de sua arte: <https://www.instagram.com/jota_camelo_charges/>. Acesso em 01 de abril de 2024.

pressupõe que Jota Camelo se utiliza do tema não apenas para chamar a atenção do leitor para um conflito em curso, mas também como ponto de partida para empregar uma crítica à corrente ideológica de extrema-direita no Brasil.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo compreende analisar que relações dialógicas constroem os sentidos sobre o conflito israelo-palestino em Charges do Jota Camelo no *Instagram*; e como objetivos específicos: a) Realizar um estudo teórico das relações dialógicas e dos gêneros do discurso e b) Descrever, analisar e interpretar as duas charges com base na teoria dialógica do discurso.

Para este fim, adotamos uma metodologia de natureza qualitativo-interpretativista, quanto à abordagem dos dados, e como uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental no que diz respeito ao tratamento do *corpus* de pesquisa.

O *corpus* que compõe esta pesquisa partiu de um banco de dados construído em duas edições do PIBIC/CNPq/UFPB (2022-2024) do Projeto de Pesquisa intitulado: *Relações dialógicas e bivocalidade na construção do posicionamento axiológico em enunciados religiosos de temática política na mídia virtual*. Esse banco de dados foi derivado do ambiente virtual na internet, provenientes de plataformas como *Instagram*, *Facebook*, *Blogs* e outras mídias virtuais. Em 15 de abril de 2024 ele era composto por 102 enunciados, coletados e separados a partir de técnicas de categorização, procedimento utilizado para agrupar os enunciados com base nos temas abordados neles.

Com isso, a escolha pelos enunciados para compor o *corpus* desta pesquisa seguiu a seguinte sequência de critérios de seleção: 1) publicadas entre 01 de janeiro a 01 de abril de 2024 (esse recorte temporal se deu para que as discussões contemplassem temas atuais); 2) cuja composição versasse sobre a temática político-religiosa; 3) que os enunciados possuísem autoria marcada; 4) cujos locais de publicação fossem de livre/fácil acesso para consulta; 5) que o número de enunciados sobre o tema se mostrasse representativo no banco de dados mencionado e 6) que os enunciados possuísem pelo menos um elemento linguístico ou visual que os conectassem.

Os dois enunciados selecionados foram produzidos e publicados no *Instagram* pelo artista plástico Jota Camelo e atendem aos critérios estabelecidos para inclusão no *corpus* da pesquisa. Assim, para embasar nossas reflexões, fundamentamo-nos em conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, particularmente no que diz respeito a concepção de linguagem, e em obras como *Problemas da poética de Dostoiévski* (2022 [1963]) e *Estética da criação verbal* (2011 [1979]), na exploração das ideias fundamentais de interesse desta

pesquisa que são às relações dialógicas e os gêneros do discurso, mas que aborda, também outros conceitos pertinentes a esta investigação, tais como enunciado, bivocalidade, réplica discursiva, axiologia e outros.

Com isso, justifica-se a elaboração deste trabalho: 1) pela relevância do tema como meio de despertar nos leitores, mesmo que de forma inicial, entendimento sobre as implicações do conflito israelo-palestino, sobretudo no que ocorre na Faixa de Gaza; 2) pela importância de se perceber como o conflito político-ideológico é reinterpretado e reelaborado no contexto brasileiro; 3) pela indispensável necessidade de apresentar a charge como um gênero discursivo altamente produtivo pela sua capacidade de amplificar vozes, provocar reflexões e estimular o debate público e 4) pela contribuição nos estudos da linguagem, especialmente no campo da teoria dialógica do discurso, cuja pesquisa é parte de um projeto mais amplo em execução.

Sendo assim, este trabalho está dividido em quatro partes: na primeira, uma introdução, em que é apresentada a proposta da pesquisa; na segunda parte, são apresentados dois capítulos teóricos, intitulados “A natureza dialógica da linguagem para Bakhtin e o Círculo” e “No gênero discursivo (charge): conteúdo temático, estilo e construção composicional”, em que nos possibilita fundamentar as reflexões propostas e atingir, parcialmente, os objetivos traçados; na terceira parte, é realizada a análise dos enunciados com base na teoria dialógica do discurso; e por fim, na última parte, são retomados os resultados da pesquisa em suas considerações finais e nossas referências.

1 A NATUREZA DIALÓGICA DA LINGUAGEM PARA BAKHTIN E O CÍRCULO

Ao longo da história, a linguagem tem sido analisada sob diversas perspectivas, que resultaram em diferentes enfoques e interesses de intelectuais de suas épocas. No entanto, a partir do século XX, houve uma mudança significativa na concepção da linguagem. Deixou-se de vê-la como um sistema rígido e invariável, conforme proposto por Saussure no estruturalismo, e mais tarde por Chomsky na teoria gerativa, para ser compreendida, também, em sua natureza funcional (Kenedy; Martelotta, 2003).

Do ponto de vista funcionalista, compreender o real funcionamento da linguagem significa observar e investigar a sociedade e as suas variadas manifestações/interações sociais. Nessa abordagem, o discurso é a principal referência para analisar como a linguagem é utilizada em contextos reais de comunicação (Lacerda, 2022).

É neste contexto que introduzimos a perspectiva dialógica da linguagem, centrada nos postulados de Bakhtin e do Círculo² enquanto um fenômeno social, complexo e dinâmico. Embora as investigações compreendessem questões mais específicas a partir do interesse de cada pesquisador (Silveira, Santana e Souza, 2018), foi Bakhtin quem se destacou como o principal intelectual responsável pela formulação da abordagem dialógica da linguagem. Ele compreende que

[...] a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas (Bakhtin, (2022 [1963]) p. 209).

Ao abordar o aspecto da linguagem, Barros (2005, p. 32) argumenta que Bakhtin:

[...] considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas

² O grupo, que se formou entre os anos de 1918 e 1920, enquanto Bakhtin dava aulas em Nevel, era inicialmente apenas um círculo de amigos. Posteriormente, esse grupo se tornou conhecido como o Círculo de Bakhtin. Destacam-se Volóchinov e Medvedev.

“externas” e “internas” e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico.

Ora, se para Bakhtin a linguagem não existe de forma isolada, mas sim por meio da troca entre os sujeitos do discurso, caminharemos por esses trilhos, orientados pela compreensão de que a essência da linguagem reside na interação verbal³, no encontro do eu com o outro, por meio de relações dialógicas. Este conceito refere-se as

[...] relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. Mas essa é uma forma especial de dialogismo não intencional (por exemplo, a seleção de diferentes enunciados de cientistas vários ou sábios de diferentes épocas sobre uma questão) (Bakhtin (2011 [1979]), p. 323).

A orientação dialógica do discurso é inerente a qualquer manifestação verbal. Trata-se de um princípio fundamental que guia todo discurso vivo: em todas as suas direções em relação ao objeto, inevitavelmente se depara com a palavra do outro, estabelecendo assim uma interação dinâmica e complexa (Bakhtin (2015 [1930-1934])).

É neste encontro com a palavra do outro que Silveira, Santana e Souza (2018) ratificam que o discurso dialógico é formado por enunciados provenientes de outros falantes. Ou seja, um enunciado não se limita a um único significado, mas carrega consigo múltiplos sentidos por meio da heterodiscursividade, caracterizada pela presença, no discurso, de diversas vozes sociais, as quais são concebidas como representações de diferentes visões de mundo.

Ainda neste sentido, Francelino (2021, p. 205) destaca que relações dialógicas são caracterizadas a partir de algumas particularidades:

(i) devem discutir entre si, ou seja, devem travar uma discussão acerca do objeto que abordam; (ii) devem expressar necessariamente a posição axiológica de duas (ou mais) consciências, de modo a demarcar o juízo de valor – de forma explícita ou não – que assumem; e (iii) devem ter autor, isto é, criador do enunciado.

Ou seja, para que haja relações dialógicas, primariamente, o objeto precisa ser tomado como um signo ideológico e “para que sejam ideológicos, devem ser colocados em

³ Interação, conforme discutido pelo Círculo de Bakhtin, é um conceito que abarca diversos níveis e vai além das interações pessoais face a face, embora as inclua. Quando se refere à interação, o Círculo de Bakhtin está tratando da base fundamental do sentido: a relação entre os sujeitos. Isso engloba desde conversas diretas entre indivíduos até as relações entre sujeitos de diferentes locais e períodos históricos (Sobral, 2009).

um plano em que haja dois ou mais indivíduos socialmente organizados, formando um grupo social, uma unidade social, pois só o que tem valor social é ideológico (Edmundson, 2017, p. 38); depois, expressar um valor, uma avaliação, um acento apreciativo, já que ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a mim e ao outro, isto é, “[...] todo juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência [...]” (Bakhtin, (2011 [1979], p. 117); e, por fim, possuir um enunciador que reflete sobre um determinado tema (referencialidade) e refrata⁴ – avalia/valora (expressividade) essa realidade, dirigindo-se à alguém (endereçabilidade) (Sobral; Giacomelli, 2016).

Para Santana (2017) o dialogismo envolve um embate de vozes entre os participantes do discurso, com base em sistema(s) axiológico⁵(s) em constante confronto de entonações, tons apreciativos, expressividade e acentos que situam e revelam diferentes visões de mundo em um espaço comum de compreensão.

Cabe salientar que esse enfoque dialógico pode ser aplicado a qualquer elemento significativo do enunciado e

[...] não apenas entre enunciações integrais (relativamente) [...] o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma *palavra isolada*, caso esta não seja interpretada como *palavra impessoal da língua*, mas como *signo da posição semântica de um outro*, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes [...] (Bakhtin, (2022 [1963]) p. 210-211; destaque nosso).

Esta concepção indica que é plenamente possível perceber relações dialógicas até mesmo numa palavra isolada, já que “a palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (Volóchinov (2021 [1929]), p. 205).

⁴ “Refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo” (Faraco, 2009, p. 50-51).

⁵ Embora “axiológico” seja frequentemente equiparado a “ideológico”, ele se refere à dimensão avaliativa presente em todo enunciado. Em outras palavras, cada enunciado, ao manifestar-se dentro de uma esfera ideológica, expressa um posicionamento social valorativo (Faraco, 2009). A discussão pode ser mais bem entendida em Bakhtin (2011 [1979]) e em Volóchinov (2021 [1929]).

Dessa forma, ao ouvir uma palavra, por exemplo, não se ouvem palavras neutras, mas comandos, pois toda e qualquer palavra já é, por natureza, carregada de valor ideológico, pois

[...] não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da língua nem do *significado* de tal palavra mas de um enunciado acabado e com um *sentido concreto* – do conteúdo de um dado enunciado; aqui, o significado da palavra refere uma determinada realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva. Por isso aqui não só compreendemos o significado de dada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva – de simpatia, acordo ou desacordo, de estímulo para a ação (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 291).

No discurso bivocal⁶, conforme Edmundson (2017), percebe-se, claramente, a dualidade de vozes que coexistem e interagem dentro do discurso. Dentre as variadas formas de bivocalidade estão a estilização, a paródia, o skaz, o diálogo, a polêmica (aberta ou velada) e a réplica⁷.

Dentre elas, a réplica compreende uma das manifestações mais claras de relações dialógicas (Bakhtin, (2011 [1979])). Surge quando há uma interação ativa e responsiva entre os interlocutores. O ouvinte, ao assumir uma posição ativa e responsiva em relação ao discurso do outro, pode concordar, discordar, complementar ou preparar-se para utilizar o conteúdo do discurso. Se “o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto. A concepção do seu objeto pelo discurso é dialógica” (Bakhtin (2015 [1930-1934]), p. 52).

Esse discurso do outro, enquanto enunciado (concreto), não é neutro, mas

[...] está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa a sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística (Bakhtin (2015 [1930-1934]), p. 48).

⁶ O conceito de Bivocalidade, explorado em alguns estudos do Círculo, é fundamental para entender como ocorre a interpretação e a comunicação do discurso alheio (Ribeiro, 2018). Bakhtin (2014 [1975]), p. 127 explica que a palavra bivocal “serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes”.

⁷ Bakhtin (2022 [1963]) concebe a *réplica dialógica* como um tipo de discurso no qual a palavra do outro não é simplesmente repetida, mas sim reinterpretada. As palavras na réplica reagem à palavra do outro, refletindo sobre ela e antecipando-a. Assimila as réplicas do outro, recriando-as de forma inovadora.

Nesta mesma direção, Faraco (2009, p. 69) ressalta que, para Bakhtin e o Círculo, relações dialógicas são espaços de tensões entre esses enunciados e isto ocorre porque

Mesmo a responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais): aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem ser opor dialogicamente a ela.

Isso implica dizer que o indivíduo não (re)produz seus enunciados no vazio, mas em contextos dinâmicos de interações sociais, permeado por opiniões, pontos de vista e avaliações de outras pessoas, eliminando a ideia do diálogo como consenso (Faraco, 2009) e ressaltando o dialogismo como um encontro de consciências que avaliam um mesmo objeto e nele chocam-se. Isto acontece porque

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (Bakhtin (2015 [1930-1934]), p. 49).

Ora, como já vimos, se cada enunciado é uma réplica direta ou indireta a um outro discurso, podemos perceber que a comunicação forma uma sequência ininterrupta de enunciados, uma vez que a interação entre falantes e ouvintes cria um ciclo contínuo de trocas linguísticas que se desdobram em novos enunciados e novas respostas, alimentando assim um ciclo de produção inesgotável de enunciados. Assim, “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 289) e “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (Volóchinov (2021 [1929]), p. 184).

Se para o Círculo a “palavra é uma ponte lançada entre mim e o outro” (Volóchinov (2021 [1929]), p. 205), para o “estudo da natureza do enunciado” (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 264) faz-se necessário considerar as relações dialógicas. A partir disso, interessados em explorar como as relações dialógicas podem aparecer nos três elementos constituintes do enunciado: conteúdo temático, estilo e construção composicional (Bakhtin, (2011 [1979]), buscamos compreender de que forma esses elementos se entrelaçam para construir os sentidos nas charges selecionadas para a análise.

2 NO GÊNERO DISCURSIVO (CHARGE): CONTEÚDO TEMÁTICO, ESTILO E CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Para Bakhtin (2011 [1979]), p. 262), os diversos domínios da atividade humana, ao empregarem formas específicas de linguagem, desenvolvem seus próprios “tipos relativamente estáveis de enunciado”, conceituados pelo autor como gêneros do discurso. Em relação a isso, ele destaca que

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 282; grifos do documento).

Desse modo, para Bakhtin, mesmo sem termos consciência explícita disso, estamos constantemente utilizando esses gêneros para nos comunicarmos de forma eficaz, por isso eles não são estáticos, mas sim dinâmicos e passíveis de transformações conforme as mudanças sócio-históricas (Bortolini; Valério, 2021).

Com base nestas reflexões, quando um sujeito escolhe um gênero, ele o faz acreditando que aquele gênero é o mais adequado para expressar seu propósito discursivo. Isso significa que sujeito “adapta sua ‘vontade discursiva’ a um gênero, levando em consideração o quanto este gênero é apropriado para versar sobre o tema que pretende discorrer [...]” (Maciel, 2015, p. 252). Por isso,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque cada campo é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 262).

Em essência, isso significa que cada campo de conhecimento possui seu próprio conjunto de gêneros discursivos, que são diversos e que continua a crescer a medida em que a sociedade se desenvolve, refletindo a diversidade e a riqueza da interação humana. Neste sentido, podemos entender que o gênero discursivo (charge) é relativamente estável, caracterizado por uma fronteira entre o verbal e o não verbal, resultando em um discurso verbo-visual (Silveira; Santana; Souza, 2018).

Para Santana, Guedes e Lira (2017) a charge é um gênero discursivo conciso. Originando-se da observação de eventos de ampla circulação nacional e/ou local, a charge

se baseia nas esferas política, ideológica e social. Além de empregar elementos morfossintáticos, faz uso de frases marcantes e irônicas, juntamente com recursos visuais como caricaturas, imagens metafóricas e símbolos.

Bakhtin (2011 [1979]) chamou atenção ao fato que nos gêneros do discurso, como mencionado anteriormente, podem-se identificar três elementos fundamentais para a sua constituição: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Santos (2016) ao especificá-los didaticamente, compreende-os: 1) que o conteúdo temático diz respeito a forma de dizer sobre algo em dado o contexto de produção); 2) que o estilo é próprio de determinadas esferas e ressalta sobre a forma particular de expressão do autor e 3) que a construção composicional é a forma estruturada e específica de organização dos gêneros discursivos.

Com isso, consideramos importante explorar cada um desses elementos para perceber como as relações dialógicas se manifestam na charge enquanto um gênero do discurso altamente produtivo. Trataremos, primeiramente sobre o conteúdo temático, depois, do estilo e, por último, da construção composicional.

Para Maciel (2015, p. 259) o conteúdo temático “é aquilo que o enunciador pretende dizer” ou o seu “projeto de dizer” e que “está fundamentado em vínculos dialógicos que o enunciado estabelece com outros textos” (Maciel, 2015, p. 255). Sob essa perspectiva, Bakhtin (2011 [1979]), p. 297; grifo do documento) explora de que modo esses vínculos dialógicos aparecem:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutualmente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subverte-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.

Isto é, na formulação do discurso, o sujeito enunciador considera outros enunciados/enunciações que estão ligados a ele pelo mesmo conteúdo temático, estabelecidos por meio da interdiscursividade⁸. O tema, por assim dizer, não é objeto de

⁸ A interdiscursividade, conforme discutido por Fiorin (2006), refere-se à relação entre diferentes discursos que se entrelaçam e se influenciam mutuamente na construção dos sentidos. Nesse contexto, os discursos não são

discurso pela primeira vez, mas despertado a partir de discursos anteriores, já existentes na esfera comunicativa. Por isso, Bakhtin (2011 [1979]), p. 299-300) realça que:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.

Isso destaca a natureza dinâmica e coletiva da linguagem, em que os sentidos são construídos e compartilhados por meio das interações sociais. Assim, para Maciel (2015, p. 255):

[...] o conteúdo temático do enunciado é palco dos elos dialógicos que ligam o objeto de discurso do enunciado a outras vozes, que já versaram acerca daquele mesmo “objeto”. Entendemos, assim, que estudar o tema da enunciação, sob uma perspectiva bakhtiniana, é mais do que descrever o “tema” ou “assunto” de uma fala ou texto. É necessário vislumbrar as relações dialógicas através das quais o conteúdo temático se constitui.

Diante disso, Pereira e Oliveira (2020) chamam a atenção para algumas particularidades do conteúdo temático: 1) responde a um determinado cronotopo, já que para Bakhtin (2014 [1975]) ele funciona como porta de entrada para o estudo dos gêneros do discurso, posto que atua como centro de organização dos acontecimentos localizados espacial e temporalmente; 2) responde as coerções da esfera sociodiscursiva e da situação de interação, já que a nossa enunciação responde às condições de interação na qual estamos situados/engajados; 3) que todo conteúdo temático é, por natureza ideológico, já que para Volochínov (2021 [1929]) tudo que é ideológico possui encarnação material, isto é, tudo que é ideológico é um signo, e, conseqüentemente, sem signos não existe ideologia; 4) todo conteúdo temático é valorativo, na medida em que o seu tratamento não é criado (pela 1ª vez); e 5) é engendrado por relações dialógicas, constituído nos fios dialógicos que compõem a unicidade de cada enunciado.

Ainda para estes autores

1) O conteúdo temático não é assunto, mas objeto do discurso, buscando compreender como o discurso, e suas formas tipificadas, refletem e refratam a realidade social; 2) A análise do conteúdo temático se integra

isolados, mas construídos a partir de outros, que refletem e se conectam a outros discursos presentes na cadeia discursiva.

às análises do estilo e da composição; 3) Conteúdo temático, assim como estilo e composição, respondem às especificidades do cronotopo, da esfera e da situação de interação e 4) Conteúdo temático, assim como estilo e composição são organicamente ideológicos, valorativos e dialogizados (Pereira; Oliveira, 2020, p. 258-261).

Dessa forma, a compreensão do conteúdo temático transcende o assunto, envolve as relações dialógicas, o contexto sociodiscursivo, a valoração ideológica e a integração com os demais elementos constituintes do enunciado (estilo e composição) ao qual discorreremos adiante.

Para Ramos (2010) a charge é um tipo de gênero discursivo que se alimenta, primordialmente do humor e que se relaciona diretamente com um acontecimento ou tema atual, sendo reelaborado de forma ficcional. Sua principal distinção em relação a outros gêneros discursivos da mesma natureza é sua intrínseca ligação com o noticiário. Isto é, a carga temporal da charge se destaca como um fator distintivo, pois para que se compreenda aquele conjunto de elementos, faz-se necessário que o leitor esteja temporal e espacialmente situado. Na charge, a reinterpretação/reelaboração se dá quase que de forma instantânea com o fato noticiado, cujo conteúdo temático é elemento indispensável nesta composição.

O estilo, como o segundo elemento constitutivo do enunciado, conforme Bakhtin (2011 [1979]), p. 265) reflete “a individualidade do falante (ou de quem escreve)”. Nessa afirmação, podemos perceber que o estilo, como uma marca própria do sujeito, poderá ser possível em qualquer enunciado, haja vista que o enunciador pode se fazer a partir de elementos linguísticos que o diferenciam de outro(s) enunciador(es), assim, “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (Bakhtin (2011 [1979]), p. 269).

Ao descrever este elemento, Fiorin (2022, p. 69) destaca que “o estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos. Ele é, pois, uma escolha de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado”. Essa passagem esclarece que o estilo se refere à maneira como o falante seleciona e utiliza os recursos linguísticos disponíveis, tais como vocabulário, expressões e estruturas sintáticas.

Neste mesmo sentido e de forma complementar, Puzzo (2015) sublinha que o estilo se refere a uma expressão de genialidade autoral, circunscrito a sua subjetividade. Sobre isso a autora chama a atenção que é preciso levar em consideração “as particularidades linguísticas do texto, mas sempre tendo em vista as relações dessa materialidade constitutiva

do texto com o gênero, a proposta comunicativa do enunciador e seu tom valorativo que expressa seu estilo” (Puzzo, 2015, p. 177).

Entretanto, Santos (2018, p. 240; destaque nosso) progride sobre a concepção de estilo quando reitera que

[...] o estilo não se restringe ao verbal, mas é, antes de tudo, fruto da orientação genérica, das relações dialógicas interdiscursivas e interlocutivas que os comentários mantêm com discursos outros. É fruto da *valoração apreciativa* de um sujeito falante constituído dialogicamente na relação de alteridade com o outro, mas dotado ao mesmo tempo de uma singularidade. Constatamos que *o estilo se constrói de uma ponta a outra na relação com o gênero, do social com o singular, do linguístico com o extralinguístico*.

Esses fatores extralinguísticos ao qual a autora se refere envolve o contexto situacional, a intenção comunicativa, o público-alvo e outros elementos não necessariamente linguísticos. Já essa valoração apreciativa de um sujeito em relação ao outro ao qual a autora se refere é mais bem compreendida quando reconhecemos que

Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a *mim* e ao *outro*; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita que ocupemos uma posição singular no acontecimento único na existência, de que nos encarnemos (Bakhtin, 2011 [1979]), p. 117; destaque do documento).

Essa posição singular que assumimos mediante a um acontecimento é também compreendida como posicionamento axiológico, que é a posição valorativa que um sujeito assume em relação ao outro, e tanto a orientação axiológica como “essa condensação do mundo em torno do homem criam para ele uma realidade estética diferente da realidade cognitiva e ética (da realidade do ato, da realidade ética do acontecimento único e singular do existir)” (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 173).

Bakhtin (2011 [1979]), quando propõe tratar do enunciado como elemento fundamental da comunicação discursiva, salienta que, diferentemente da oração, o enunciado suscita uma atitude ativamente responsiva do sujeito falante, sendo composto por entonações e traços expressivos que apontam para uma autoria.

Rocha (2018, p. 160) chama a atenção ao fato de que a expressividade carrega traços emotivo-volitivos que não são fenômenos da língua enquanto sistema, mas que é “constituída pela relação estabelecida entre enunciador e interlocutor, fato determinante na

escolha do gênero, e, conseqüentemente, na seleção dos recursos linguísticos” (Rocha, 2018, p. 160).

Na charge, a expressão tonal é fundamental, pois ela guia o estilo do enunciado. É essa entonação expressiva que influencia a seleção dos elementos lexicais e gramaticais. A escolha específica desses elementos está diretamente ligada ao estilo característico da charge. Por exemplo, um uso sarcástico da linguagem pode envolver a seleção de palavras e estruturas gramaticais que reforçam esse tom irônico. Assim, a entonação expressiva não apenas dá forma ao estilo da charge, mas também direciona a escolha das palavras e estruturas linguísticas usadas para transmitir sua mensagem (Ferreira, 2013).

Para Bakhtin (2011, [1979]), p. 289; destaque nosso):

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. *O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo [...]* alguns pesquisadores chegam inclusive a reduzir francamente o estilo ao aspecto emocionalmente valorativo do discurso.

Rocha (2018) chama a atenção, ainda, para o fato de que a expressividade e a axiologia estão relacionadas ao estilo no processo de construção dialógica dos discursos, pois enquanto a expressividade diz respeito à capacidade individual de manifestação de um posicionamento, ponto de vista em relação a um objeto (linguístico e discursivamente), por meio da linguagem, a axiologia expressa princípios e juízo de valor, evidenciando marcas ideológicas, o que é particular de cada sujeito. Assim,

O estilo pode ser visto como resultado de um posicionamento axiológico-dialógico, que se nutre nas relações sociais e na singularidade própria daquele que assume seu lugar na singularidade do sujeito. Só essa orientação axiológica-dialógica é capaz de fundamentar um estilo de natureza social, que incorpore o linguístico como recurso para efetivação de um projeto comunicativo do falante, e não como meio e fim dentro de um sistema abstrato. O estilo de natureza social surge e cresce como resultado das relações axiológico-dialógicas, que são inerentes às interações sociais das quais os sujeitos falantes participam nas suas atividades de comunicação, isto é, um estilo que não seja visto como restrito à individualidade do autor, nem restrito ao material linguístico (Santos, 2018, p. 91).

Para Bakhtin (2015 [1930-1934]) o estilo é, portanto, o elemento do gênero mais suscetível às influências das relações axiológico-dialógicas, pois é por meio dos recursos linguísticos que as relações dialógicas e as valorações axiológicas são organizadas e organizam os diferentes sentidos.

O terceiro elemento constitutivo do enunciado, como pontua Bakhtin, é a construção composicional. Para ele,

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia [...] achamos que em qualquer corrente especial de estudo *faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso*. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso [...] debilitam as relações da língua com a vida (Bakhtin, (2011 [1979]), p. 264-265; destaque nosso).

Fiorin (2022) destaca que os gêneros discursivos não são apenas formas linguísticas abstratas, mas são influenciados e moldados pelos contextos sociais e culturais em que são produzidos. Isso reflete nas características particulares do enunciado, sobretudo no que diz respeito a sua finalidade/propósito.

Para este mesmo autor, a construção composicional

[...] é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. Por exemplo, sendo a carta uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos. É por isso que as cartas trazem a indicação do local e da data em que foram escritas e o nome de quem escreve e da pessoa para quem se escreve (Fiorin, 2022, p. 69).

Ao discutir este elemento, Santos (2018, p. 96) discorre que a forma composicional se refere à maneira como o material linguístico é mobilizado e organizado para atender a um objetivo (ou propósito) dentro de um gênero discursivo.

Maciel (2015), ao caracterizar este elemento, faz uma importante observação quanto à diferença entre o conceito de construção composicional e o de forma linguisticamente estabelecida, ressaltando que a forma enquanto construção composicional é maleável, flexível e “relativamente estável” como postula a concepção bakhtiniana, diferentemente do que conhecemos como definição de forma enquanto um molde fixo.

Essa distinção destaca que as formas discursivas não são rígidas, mas capazes de se adaptar e se ajustar às demandas do contexto comunicativo e às necessidades dos sujeitos do

discurso. Para ele “a forma composicional não existe como uma “fôrma” vazia, mas como enunciado real e único, com sua extensão e disposição gráfica própria. É ao ganhar conteúdo que a forma ganha definição” (Maciel, 2015, p. 254).

Ao relacionar o estilo à construção composicional, Bortolini e Valério (2021) consideram que embora o enunciado carregue o estilo, que é singular e específico de um enunciador, a partir de escolhas que ele faz dos elementos linguísticos, o enunciado carrega, também, o que eles denominam como estilo geral, ou seja, nos gêneros discursivos há, por natureza, uma forma padronizada de organização e expressão.

No caso específico do gênero discursivo charge há um projeto de dizer crítico-humorístico-irônico que influencia diretamente as escolhas composicionais do chargista para atingir esses efeitos. Essas escolhas vão desde a seleção dos elementos visuais até a linguagem utilizada. A maneira como o chargista organiza esses elementos são guiadas não apenas por sua própria visão de mundo, mas também pela percepção presumida do seu leitor e pelo meio de comunicação onde a charge será veiculada (Machado, 2019).

Por isso, Bakhtin (2016 [1952-1953]), p. 17-18): destaca que em cada esfera da comunicação humana

[...] são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de um dado campo [...] uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Dessa forma, fica claramente apresentado como esses três elementos – o tema abordado, a maneira como é expresso e a forma como é estruturado – estão intrinsecamente interligados no enunciado, sendo todos eles igualmente orientados pela natureza específica de um determinado contexto comunicativo e da escolha do próprio gênero discursivo (Bakhtin (2011 [1979])).

Se na concepção bakhtiniana os gêneros discursivos estão sempre vinculados a uma esfera específica da atividade humana, para Bortolini e Valério (2021) estes três elementos estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social, já que esses gêneros não apenas refletem características linguísticas, como práticas sociais e somente assim “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin (2016 [1952-1953]), p. 16).

Com isso, compreender a natureza social do enunciado significa considerar o discurso como uma construção social que é dirigida a um interlocutor e tem seu propósito determinado por essa relação com o outro (Ramos, 2013).

Essa perspectiva nos conduz a perceber a charge como um gênero discursivo altamente produtivo, uma vez que emerge da interação social, possui um destinatário específico, é criada por um autor e, portanto, expressa tons apreciativos. Além disso, é publicada na mídia virtual com uma intenção definida e está inserida em contextos comunicativos que dão forma e sentidos aos seus projetos de dizer (Maciel, 2015; Santos, 2016).

Portanto, durante a descrição, análise e interpretação desses dois enunciados, que no caso desta pesquisa contempla o verbo-visual (Brait, 2008), será possível observar que relações dialógicas o sujeito enunciator invoca, a partir dos três elementos constituintes do enunciado, para atribuir sentidos e assim alcançar o efeito comunicativo proposto.

3 HISTÓRIA, MEMÓRIA E INTERDISCURSIVIDADE: ANÁLISE DE RELAÇÕES DIALÓGICAS EM CHARGES DE JOTA CAMELO

Os dois enunciados selecionados para este trabalho foram publicados pelo artista plástico Jota Camelo em sua página do *Instagram*. O conflito político-ideológico entre Israel e Palestina, nos últimos meses, tem sido um tema tratado pelo artista, em parte, pela intensificação do conflito e pelos constantes ataques na Faixa de Gaza, amplamente noticiados pela mídia; por outra, como forma de estabelecer um “contraponto ao discurso martelado pela mídia”, como reconhece a natureza de sua produção (Carignano, 2017).

Ao examinar os recursos verbo-visuais mobilizados pelo Jota Camelo, veremos que relações dialógicas constroem os sentidos desses dois enunciados, a partir da dialogização de vozes (que retomam o passado e reinterpretam/reelaboram o presente para uma compreensão amplificada sobre o conflito). Dito isso, vejamos a materialidade dos enunciados:

CHARGE 1:

Figura 1 - Postagem dias depois ao ato em defesa do ex-presidente e Pró-Israel na Avenida paulista



Fonte: < <https://www.instagram.com/p/C4H9qTfO1ej/?igsh=MW53ejY3dDhncDQ4NA%3D%3D> >. Acesso em: 03 de abril de 2024.

Observa-se, em primeiro plano, que o autor utiliza o recurso linguístico “NOFEBEAPÁ” sigla para o que ele denomina de “NOVO FESTIVAL DE BESTEIRA QUE ASSOLA O PAÍS”, posicionado no canto superior da imagem, em caixa alta e justificado, como uma espécie de título ao enunciado. Trata-se de um neologismo, um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente.

Sendo assim, esta nova expressão faz referência ao “Febeapá” (Festival de Besteira que Assola o País), livro lançado em três volumes pelo jornalista e cronista Sérgio Porto, usando o pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. Lançado inicialmente em 1966, o primeiro volume reuniu crônicas satíricas que ridicularizavam as situações absurdas na política após o golpe de 1964, ao qual o autor se referia como “a redentora” (Rosa, 2019).

O “No”, como prefixo ao termo da versão original, sugere aquilo que tende ao novo, ou seja, a nova configuração de besteiras ditas que assolam o país. Este recurso compreende o efeito de atualização da memória. Ainda sobre esse elemento verbal, a partir da associação com o recurso visual utilizado, em caixa preta retangular, em letras grandes, com título e subtítulo e no canto superior da tela, remete às manchetes de jornais, particularmente televisivas, que visam chamar a atenção e estabelecer um primeiro contato com expectador/leitor da notícia (Cunha, 2010).

Na esteira dos recursos verbais mobilizados pelo autor, observam-se dois balões ainda na parte superior do enunciado: do lado direito, a pergunta “QUAIS SÃO AS NOVAS PAUTAS DA DIREITA?” representada por um braço que segura um microfone e que, pela vestimenta social, infere-se que seja um repórter⁹ a entrevistar o personagem centralizado na imagem, que o responde com uma sequência de outras perguntas “E O LULA? E O PT? E O HAMAS?” evidenciando a inexistência de novas pautas e a centralidade das questões da esquerda na construção do argumento de direita. São perguntas recorrentes da extrema-direita quando querem atacar a esquerda, sobretudo o PT, reafirmando o esvaziamento de suas pautas.

Essa construção sintática, a partir de perguntas curtas e iniciadas pela conjunção “E” unindo as orações e estabelecendo uma relação de sentido entre elas, enfatiza, a partir da lógica utilizada pelo personagem, a aproximação entre o presidente Lula, o seu partido

⁹ Em 25 de fevereiro de 2014, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, vestidos com a camisa da seleção brasileira e com bandeiras israelenses e dos Estados Unidos, foram à Avenida Paulista em ato Pró-Israel. Pela própria natureza do evento, motivou à mídia (e repórteres) na cobertura da manifestação a partir de imagens e de entrevistas, aos partícipes, sobre o que motivou aquela mobilização.

político, o Partido dos Trabalhadores (PT), com o Hamas (Movimento da Resistência Islâmica)¹⁰. Essa relação proposta pelo personagem “PATRIOTA”, assim como se identifica na lateral de sua camisa, objetiva classificar e separar os cristãos dos terroristas baseado no apoio a Bolsonaro ou a Lula.

Ainda, ao relacionar o termo “PATRIOTA” à bandeira dos Estados Unidos que, nesta composição, substitui a bandeira do Brasil, percebe-se um enfraquecimento da autonomia política do país. Essa substituição do símbolo nacional pelo de outro país pode ser interpretada, também, pela subordinação das decisões políticas brasileiras a interesses estrangeiros.

Adicionado a isso, o elemento verbal “AI, COMO ERA GRANDE A DITADURA” indica que há, nos dois países, Brasil e Estados Unidos, uma ideia de patriotismo intrinsecamente associada a regimes autoritários ou ditatoriais, de forma que há uma evidente admiração por esses regimes pelos apoiadores do ex-presidente.

Nesta construção sintática cria-se um efeito humorístico ao se referir a um dos bordões mais marcantes do ator e comediante Paulo Silvino em programas de TV como “Planeta dos Homens” e depois na “Escolinha do Professor Raimundo”. Silvino fez o personagem da boneca chamada Olegário Carnaval, um homem de bigode postiço, vestido de boneca e que dizia frases de duplo sentido como o “Ai como era grande”. Ou seja, o que o chargista faz é ironizar o discurso de masculinidade e virilidade defendido pelos bolsonaristas.

Na parte frontal da camisa do personagem, a expressão “PASSEI NO TESTE DA FARINHA”, relacionada a outros símbolos verbo-visuais, como ao termo patriotismo, a exaltação à ditadura militar e a própria manifestação em apoio à Bolsonaro sobre as acusações do golpe militar e pró-Israel em 24 de fevereiro deste ano, refere-se, evidentemente, ao teste realizado nos recrutas do exército durante a ditadura militar¹¹. Naquele período, passar no teste da farinha e afastar-se abruptamente da possibilidade da homossexualidade indicaria aptidão e conformidade ideológica e política aos regimes autoritários que reprimiram, historicamente, homens gays aos serviços militares.

¹⁰ O Hamas foi designado como organização terrorista por vários países e organizações, incluindo os Estados Unidos, a União Europeia, Israel, Canadá, Japão, Reino Unido e todos os países membros da União Europeia. No entanto, o grupo não é classificado dessa forma pela China, Rússia e Brasil (UOU, 2023).

¹¹ É como chama a atenção o documentário dirigido por Victor Fraga (2022), que relata a experiência de um jornalista submetido a esse teste na adolescência, cujo objetivo visava identificar a orientação sexual (práticas homoafetivas) dos recrutas do exército, anterior à entrada no serviço militar. Consistia na dinâmica de sentarem-se nus sobre farinha para medir a circunferência anal e, assim, (des)legitimar a integridade de sua moral.

O termo “Bibi”, escrito numa placa e pendurada na altura da genitália do personagem, cujas sílabas “bi-bi” são separadas por um pinto que, no alto de seu cabeça, possui um kipá (peça de vestuário utilizada pelos judeus) que se choca e que, na parte inferior da casca quebrada, a presença da estrela de Davi, símbolo da bandeira de Israel, invoca a aparição do Benjamin Netanyahu, político israelense da extrema-direita que serviu como primeiro-ministro de Israel por vários mandatos e que ficou conhecido como “Bibi” (Blay, 2022).

Esse mesmo “Bibi”, dada a sua posição no enunciado (sobre a genitália do personagem), relacionado a outros elementos visuais referentes à “fé de Israel”, poderá ser reinterpretado, também, a partir de Gênesis 17: 9-19, já que, na Bíblia, especificamente no Velho Testamento, a prática da circuncisão é descrita como um símbolo distintivo do povo de Deus, como forma de aliança entre Deus e Abraão:

9 Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás *o meu convênio*, tu e a tua semente depois de ti, nas suas gerações.

10 Este é o convênio que guardareis entre mim e vós, e a tua semente depois de ti: *Que todo filho homem será circuncidado.*

11 *E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isso será por sinal do convênio entre mim e vós [...]*

14 *E o filho homem incircunciso, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada de seu povo; quebrou o meu convênio.*

A aliança entre Bolsonaro, seus apoiadores e Israel, bem como a influência neopentecostal, refere-se à estreita relação política, econômica e diplomática com o governo brasileiro, durante o seu mandato, com o Estado de Israel, particularmente, da aliança com Netanyahu (o bibi), considerado, na época, um dos aliados estratégicos do governo brasileiro no cenário internacional¹² (Uribe, 2021).

Ainda no exame dos elementos verbais, o “VIM AQUI PRA VER O MITO” em cartaz, num muro relativamente minúsculo em relação ao personagem, faz referência a Bolsonaro, principalmente, pela sua consagração enquanto um “mito” por milhares de apoiadores durante a campanha presidencial que lhe concedeu o cargo de Presidente do Brasil entre 2018 e 2022, por ser considerado o “politicamente correto” (Santos, 2017), cujo jargão se popularizou entre os seus apoiadores.

¹² Isso incluiu a promessa de campanha de Bolsonaro de transferir a Embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, ainda que posteriormente o até então presidente brasileiro tenha recuado em relação à transferência da Embaixada e anunciado a abertura de um escritório comercial para a promoção de investimento, tecnologia e inovação (Caio Quero, 2019).

Ao lado direito do cartaz, numa espécie de quadro, dispõe da imagem do ex-jogador Vampeta, pelado, em ensaio em 1999 na extinta revista “G Magazine”. Os participantes do “Vampetaço” inundam os perfis de quem consideram ter agido de maneira desagradável ou errada com fotos do ensaio nu do ex-jogador. O “Vampetaço” trata-se de uma forma de “cancelamento virtual” que, recentemente, migrou das redes sociais para os muros, como aconteceu no protesto pró-Israel, por exemplo. A ação foi realizada por opositores do ex-presidente (UOU, 2024).

A tarja com a expressão “MITO” sobre o órgão genital do Vampeta (tipicamente utilizada pela mídia, em filmes e comerciais, por exemplo – para censurar cenas eróticas ou de cunho pornográfico) só confirma o conflito político bilateral, representado pela utilização do muro, já que o “MITO” sobre a genitália do homem é uma réplica irônica ao “VIM AQUI PRA VER O MITO” criando um diálogo satírico à idolatria política e ironizando a questão da masculinidade que os apoiadores do ex-presidente tanto defendem. De forma complementar, o cartaz do lado esquerdo, com imagem de Bolsonaro com um par de chifres e sobre ele a expressão “CAPETÃO”, reforça as divergências político-ideológicas no cenário em questão.

Outro elemento visual que contribui na construção de sentido dessa dualidade política representada pela utilização do muro se dá pela figura do cachorro, que segurado por um apoiador de direita, apresenta o gesto que viralizou durante a campanha presidencial de 2022 no Brasil: o “Faz o L”. Cabe ressaltar que durante o exercício enquanto parlamentar (deputado federal), Bolsonaro frequentemente exibia a imagem de um cachorro com um osso e com uma frase que expressava “quem procura osso é cachorro”, numa menção às investigações sobre os mortos e desaparecidos na Ditadura.

Retomando ao gesto expresso pela mão do animal, este símbolo passou a ser utilizado pelos dois grupos políticos que demarcou, abertamente, um intenso conflito político-ideológico: de um lado, simpatizantes do ex-presidente Jair Bolsonaro passaram a utilizar o termo nas redes sociais (e o símbolo) de maneira irônica, como forma de criticar as medidas anunciadas pelo novo governo; do outro, apoiadores do PT adotaram o gesto para enaltecer e declarar apoio ao atual presidente (Couto, 2023).

Dando sequência à análise em sua forma de organização dos enunciados, o conjunto de elementos visuais auxiliam, significativamente, na construção dos sentidos em relação à Faixa de Gaza. Num movimento de cima para baixo, é possível perceber o céu num azul em tonalidade escurecida, combinada às cores branca, preta e cinza, que remontam,

parcialmente, ao cenário de guerra, sobretudo, do bombardeio na Faixa de Gaza¹³, que soma mais de 32 mil mortos, mais de 75 mil feridos e zonas residenciais reduzidas a escombros (Agência Brasil, 2024).

Outros dois elementos visuais que permitem relacionar que o espaço do enunciado seja a Faixa de Gaza são: 1) o muro ao qual já nos referimos resgata a construção da barreira israelita da Cisjordânia, também conhecida como Muro de Israel que, segundo Nasser (2023), foi um projeto que visava dividir o território árabe da Cisjordânia do território judaico representado pelo estado de Israel; e 2) pela aparente representação dos dois territórios em lados opostos na imagem, em que se notam diferenças socioeconômicas expressivas nessas duas configurações de sociedade, o que indica ser o Estado de Israel e o território palestino (ou de Gaza)¹⁴.

A bandeira do Estado de Israel sobre o ombro direito do personagem que ocupa a centralidade da imagem possui, também, algumas particularidades. Primeiramente, observam-se relevos no entorno do símbolo da bandeira¹⁵ que muito se assemelham a um conjunto de números romanos. Essa característica evoca uma conexão histórica em que precisamos retornar ao século I d.C., para perceber essa relação. Neste período, os romanos perseguiram os judeus na Palestina, o que resultou na diáspora judaica. A presença dos números romanos sugere um vínculo com esse período tumultuado da história judaica, remetendo à memória, à opressão e à luta pela sobrevivência do povo judeu.

A presença do sangue nessa bandeira, com uma tonalidade mais fria próxima ao centro e mais intensa em direção à ponta, na charge, de forma irônica, representa o povo palestino que está sendo dizimado pelo governo de Israel, visto que nos discursos atuais de muitos partícipes do governo de Israel temos nuances de discursos nazistas quando dizem que “Palestinos são vermes, são animais nocivos que precisam ser aniquilados” – isso não é

¹³ A Faixa de Gaza é um território de 41 km de comprimento e 10 km de largura entre Israel, Egito e o Mar Mediterrâneo. A área, equivalente a um quarto da cidade de São Paulo, abriga cerca de 2,3 milhões de pessoas e é controlada desde 2007 pelo grupo extremista palestino Hamas (BBC NEWS BRASIL, 2023).

¹⁴ O céu escurecido, a presença de um muro e a representação de uma comunidade socioeconomicamente desfavorecida que remete à Palestina (particularmente à Faixa de Gaza) a partir da associação a outros elementos verbo-visuais é também representada no enunciado seguinte. Por isso, esses elementos visuais serão analisados exclusivamente aqui, visando evitar repetições.

¹⁵ A estrela exposta na bandeira de Israel nos dois enunciados analisados neste trabalho não se trata da estrela de Davi (símbolo oficial centralizado na bandeira do país), mas de um pentagrama (um símbolo geométrico). Embora seja diferenças sutis, existe uma significativa diferença entre os dois símbolos. A estrela de Davi possui seis pontas e um hexágono no interior; já o Pentagrama é uma estrela de cinco pontas com um pentágono no interior e cuja associação está mais relacionada ao esoterismo. O humor manifesta-se abertamente nesta composição, revelando a ignorância dos eleitores de Bolsonaro a utilizar o símbolo de forma equivocada.

feito apenas em resposta aos ataques no Hamas, mas uma constante naquele território de conflitos.

O último elemento verbo-visual (inclusive, o elo que une os dois enunciados nesta análise) é a “Bíbra”, segurada pela mão esquerda do personagem, resgatando o próprio livro sagrado considerado um guia moral e espiritual para milhares de cristãos no mundo.

Entretanto, a composição frasal distorcida do termo “Bíbra” parece remeter à ignorância desses religiosos que se deixaram levar pelo engano, já que o registro linguístico aparece numa variedade não padrão. Ainda, faz menção aos políticos (e aos que o seguem) que fazem o uso equivocado da palavra e que acabam por abusarem do nome de Deus.

No Brasil, especificamente durante as eleições de 2018, conforme apontado por Zwetsch e Trein (2020, p. 157), ocorreu um uso perverso e contraditório da palavra de Deus “para justificar a opressão, a miséria e o crime contra a população brasileira, especialmente os mais pobres”. Este elemento ainda constrói, dialogicamente, a concepção do falso profeta, representando aqueles que se erguem para confundir e iludir o povo, autointitulando-se ou sendo concebidos como os “enviados de Deus” (Maia, 2021).

A Teologia do Domínio, neste sentido, postula que os seres humanos têm uma autoridade divina para governar e dominar a Terra. No entanto, essa interpretação pode ser distorcida e usada por certos líderes religiosos ou figuras políticas para justificar sua própria busca de poder e controle. É com base nessa representação que iniciamos a análise do segundo enunciado.

CHARGE 2:

Figura 2 – Postagem após a repercussão do discurso do presidente Lula sobre os ataques na Faixa de Gaza



Fonte: < <https://www.instagram.com/p/C34TYkEsz0z/?igsh=OWpraWFxcXRrOHJl> >. Acesso em 03 de abril de 2024.

No mesmo contexto, ao considerar a “Bíbra” como o elemento que conecta esses dois enunciados, postos nas mãos esquerdas dos três personagens (porque agora temos uma personagem adicional que também porta esse objeto), observamos uma composição que sugere um diálogo entre um pastor e uma fiel (ou uma ovelha – como se prega sobretudo pelos evangélicos).

Essa compreensão não se baseia apenas no diálogo verbal, em que o personagem à esquerda é chamado de pastor, mas também a partir de como a própria representação visual (pastor e fiel) delineia essa relação. Aspectos como as vestimentas – o pastor trajando roupas sociais e segurando a bandeira do estado Israel em sua mão direita (também expressando a ignorância desses religiosos ao confundirem o pentagrama à estrela de Davi), enquanto a personagem à direita parece aludir às vestimentas tradicionais judias – são elementos simbólicos que acrescentam camadas de significado à charge.

Esses elementos visuais não apenas fortalecem a identidade do personagem como líder religioso, mas também implicam uma afinidade com os evangélicos de uma orientação mais pentecostal, que nutrem uma conexão profunda com a fé em Israel. Isso se reflete no simbolismo da bandeira do estado de Israel sobre o ombro direito do personagem, evocando um vínculo com o chamado povo de Israel, considerado o povo eleito, cujas raízes estão firmemente ligadas ao Antigo Testamento.

A partir dessas observações, cabe chamar a atenção ao elemento visual com destaque na fiel, que usa vermelho nas unhas e na boca (batom) e que, contrariamente à tradição judaica, mulheres usam preto, roupas longas e o rosto coberto (Autonell, 2019). Esse traço sugere uma crítica a esses religiosos que seguem cegamente líderes religiosos e evidencia o posicionamento axiológico do autor, já que no contexto político brasileiro a cor vermelha é ideologicamente associada ao partido político PT, do qual o atual presidente faz parte e que Jota Camelo se declara abertamente como simpatizante, ao se declarar, em sua biografia do *Instagram* “Chargista de direita”.

O elemento verbal “JAIR É O MESSIAS”, logo acima da “Bíbra”, remonta uma memória recente sobre o posicionamento de Bolsonaro, na época presidente do Brasil, sobre as mortes em decorrência do coronavírus durante a pandemia, quando diz, em entrevista: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, disse, em referência ao próprio sobrenome (CNN Brasil, 2020).

Fiorin (2013), ao problematizar a questão da sacralização do discurso político, realça o fato de o líder político ser personificado como representação divina, um profeta, um político genial, um messias, um redentor. Essa relação foi dialogicamente construída, particularmente, durante as eleições de 2018, quando Bolsonaro recebeu o apelido de “Messias”¹⁶ pelos seus apoiadores e foi concebido como o “escolhido” que veio para “salvar o povo” e devidamente capacitado para “restaurar os valores morais” que teriam sido corrompidos pelos governos de esquerda (Silva, 2021). É o que aponta a teologia do domínio: estes discursos substituem a figura do Cristo por Davi e outras figuras do Velho Testamento, como a do Messias, considerado o “prometido por Deus”.

Na esteira da análise dos elementos verbais, vemos uma sequência de perguntas realizadas pela fiel ao pastor: “PASTOR, O QUE É SIONISTA?”; o pastor, em resposta, diz

¹⁶ “Messias” é uma adaptação (ou um aportuguesamento) da palavra hebraica *'mashiah'* (ou *'mashiach'*), que literalmente significa 'ungido'. No grego, a tradução de *'mashiah'* é *'christos'*, que foi convertido para o português como 'cristo', em vez de ser traduzido corretamente como 'ungido', como apontado por Filgueiras (2022). Portanto, o trocadilho da palavra Jesus por Jair indica equiparar o líder político à figura religiosa.

que sionista “É QUEM MORA EM SIÃO PAULO”. Este primeiro diálogo demonstra o desconhecimento – não apenas da fiel, mas também do pastor – do significado ao termo, assim como a resposta equivocada do pastor o faz resgatar um conhecimento bíblico, do Monte Sião, ainda que o faça, novamente, de forma equivocada.

De acordo com Andrade (2022), o termo “Sião” tem o significado de fortaleza e está judaicamente relacionada ao que se conhece como “Monte Sião”, identificado como a colina mais oriental da antiga Jerusalém e concebida como a sede do poder tanto para o reino de Israel quanto para o reino de Deus, referindo-se à terra prometida, não tendo, nesta perspectiva, nenhuma relação com a capital brasileira, mas a sua ignorância em relação ao movimento sionista¹⁷.

Em seguida, a fiel novamente pergunta “E NAZISTA?”, e que o pastor responde “É QUEM TRABALHA NA NASA”, demonstrando, novamente, o desconhecimento e a ignorância da fiel e, sobretudo do pastor, em relação ao movimento nazista¹⁸. A questão da ignorância dos adeptos do bolsonarismo ironizada na charge também faz referência às falas de mulheres entrevistadas no ato da Av. Paulista em que expressavam apoio à Israel porque “Israel é uma nação cristã, assim como nós”.

Utilizar as duas primeiras sílabas do termo Nazista e relacionar com “Nasa” também faz referência à agência espacial norte-americana, responsável pela exploração espacial por meio de tecnologias aeronáuticas avançadas, retomando, mais uma vez, assim como expresso no enunciado anterior, a aliança entre Israel e os Estados Unidos e a exaltação dos bolsonaristas à cultura dos EUA, especialmente, à bélica.

Na parede, que serve como parte do pano de fundo ao cenário, a afirmação do que antes era somente dúvidas sobre esses dois movimentos políticos, “SIONISTA É NAZISTA

¹⁷ O sionismo é um movimento surgido no século XIX, na comunidade judia na Europa, que buscava uma solução para a questão judaica. Naquela época, o antissemitismo – que é a discriminação contra os povos semitas, entre os quais, está o povo judeu – estava em crescimento no continente. Foi o sionismo enquanto movimento político que deu corpo à criação do Estado de Israel, em 1947, logo após o Holocausto na Europa, quando cerca de 6 milhões de judeus foram assassinados, principalmente, em campos de concentração da Alemanha nazista. O termo sionismo faz referência ao Monte Sião, nome de uma das colinas de Jerusalém e usado como sinônimo de terra prometida, ou terra de Israel (Léon, 2023). O sionismo considera Israel como a única nação de direito e exclui outros povos que ali habitavam. Os sionistas são vistos, por alguns intelectuais e historiadores como extremistas e totalitários, como apresenta Breno Altman em seu livro *Contra o sionismo: retrato de uma doutrina colonial e racista*.

¹⁸ O nazismo, um movimento político totalitário na Alemanha durante o século XX (1933-1945), liderado por Adolf Hitler, promoveu uma política extremista, militarista e preconceituosa. Originado da abreviatura “nazi”, o movimento derivou do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que visava unificar os ideais do regime. Seu principal objetivo era estabelecer uma nação baseada na suposta superioridade da “raça ariana”, considerada pelos nazistas como a mais pura e superior intelectual e fisicamente em relação às outras raças europeias (Silva, 2024).

PALESTINA LIVRE” constrói, dialogicamente, uma relação com o discurso do presidente Lula em 18 de fevereiro de 2024, ao comparar a ação dos militares de Israel na Faixa de Gaza ao holocausto contra os judeus durante a segunda guerra mundial (Léon, 2024) que gerou grande repercussão na mídia tradicional e digital, sobretudo, entre os seus opositores.

A comparação de dois contextos históricos distantes, mas que se aproximam de algum modo, só confirma aquilo que Bakhtin (2011 [1979]), p. 331) já dizia: “dois enunciados, distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um do outro, no confronto de sentidos, revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos [...]”. Tudo isso só é possível porque a história e a memória tecem uma complexa interação com o presente, construindo diálogos entre diferentes tempos e espaços e promovendo sentidos múltiplos sobre os acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS INACABADAS

O objetivo desta pesquisa foi investigar como as relações dialógicas constroem os sentidos sobre o conflito entre Israel e Palestina, que tem respingado de maneira brutal na Faixa de Gaza, e como ele foi representado em duas charges divulgadas na página do *Instagram* do Jota Camelo. A questão central desta pesquisa procurou responder de que forma a imagem do conflito foi construída, com base em elementos discursivos e suas simbologias, e de que maneira foi relacionado ao contexto político brasileiro, a partir da concepção axiológica do produtor do enunciado.

Foi a partir da análise dialógica do discurso, que como vimos, compreende a linguagem como uma prática social, que se realizou a descrição, análise e interpretação das duas charges, tomando como bússola norteadora a concepção de dialogismo, de verbo-visualidade e a noção de valoração/axiologia. Essa abordagem revelou múltiplas camadas de sentidos que resgatam o passado, evocam memórias e que, no plano da interação verbal, reelaboram o presente, evidenciando o posicionamento valorativo do Jota Camelo, enquanto sujeito individual e social, a partir da reflexão e refração sobre o acontecimento.

Nas duas charges analisadas, Jota Camelo realizou o seu projeto de dizer a respeito do conflito israelo-palestino, com tons valorativos semelhantes. Na primeira, fez por meio de uma crítica contundente sobre a manifestação pró-Israel no Brasil; na segunda, por meio da crítica aos defensores de Israel enquanto um estado cristão. O desenvolvimento do tema, nesses dois enunciados, estabelece vínculos dialógicos com outros discursos sociais, políticos e/ou históricos e é justamente a partir desses elos que compreendemos o propósito comunicativo do autor.

No estilo de Jota Camelo, as relações dialógicas são construídas não apenas pela forma como ele interage e conflita com outras vozes discursivas, neste caso, com as vozes de direita, que tendem a favorecer valores conservadores e tradicionais, mas também como ele utiliza os recursos estilísticos para transmitir sua opinião (o seu ponto de vista sobre o fenômeno). Em Jota Camelo, o grotesco, o estranho, o exótico e a ridicularização dos personagens são contrastadas com o fundamentalismo e com o fanatismo político-religioso notadamente exercitado no Brasil, fazendo com que personagens, cenários e traços sejam rapidamente compreendidos e associados pelo seu público-alvo à configuração político-ideológica de extrema-direita.

Pela própria natureza do gênero discursivo, as relações dialógicas são também percebidas na forma composicional, que se dá a partir da reelaboração do fenômeno. Se no

gênero notícia, por exemplo, o ocorrido na Faixa de Gaza é apenas descrito, com fins informativos, na charge, além de o fato ser interpretado, ele é reelaborado, cujo propósito não é mais somente informar, mas indicar opiniões e juízo de valor, muitas vezes por meio da crítica ou do humor.

Aqui o autor o faz, evidentemente, a partir dos dois: da crítica, evidenciada pela inexistência de novas pautas e a centralidade das questões da esquerda na construção do argumento de direita (conforme enunciado 1); e pela ignorância da fiel e sobretudo do pastor em relação aos movimentos sionista e nazista (conforme enunciado 2); e do humor, por meio de símbolos e do jogo de contradições entre as imagens e a ideologia do patriotismo.

Diante dessas reflexões, percebe-se que a construção de sentidos, nesses dois enunciados, se dá a partir da reelaboração do conflito entre Israel e Palestina, em que Jota Camelo se utiliza do contexto político internacional para criticar o posicionamento dos manifestantes brasileiros em relação ao apoio à Israel e, ainda, para expor como os discursos fundamentalistas, alimentados pelo fanatismo religioso, se reforçam mutuamente, promovendo uma adesão cega e inquestionável às doutrinas religiosas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Faixa de Gaza: mais de 32 mil mortos após 175 dias de guerra.** Disponível em: < [ALTMAN, Breno. **Contra o sionismo:** retrato de uma doutrina colonial e racista. Editora Alameda, 2024.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-03/faixa-de-gaza-mais-32-mil-mortos-apos-175-dias-de-guerra#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20da,guerra%20na%20Faixa%20de%20Gaza.> . Acesso em: 04 de abril de 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

ANDRADE, A. C, de. **A charge:** análise do processo enunciativo-discursivo numa perspectiva dialógica. 2009. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2009.

ANDRADE, A. **O que significa "Sião" na Palavra de Deus?.** A12. Disponível em: < [AZEVEDO, L. C. Análise: **O antissemitismo estrutural que emerge na guerra de Gaza.** CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: < \[> . Acesso em: 06 de abril de 2024.\]\(https://www.correio braziliense.com.br/politica/2023/10/5134239-analise-o-antissemitismo-estrutural-que-emerge-na-guerra-de-gaza.html\)](https://www.a12.com/redacaoa12/duvidas-religiosas/o-que-significa-siao-na-palavra-dedeus#:~:text=No%20Novo%20Testamento%2C%20o%20Monte,e%20onde%20Jesus%20apareceu%20ressuscitado.&text=Principalmente%20no%20livro%20de%20Isa%C3%A4s,e%20transformada%20na%20sua%20cidade.> . Acesso em 06 de abril de 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

AUTONELL, J. M. **Mulheres da modéstia: as judias de Israel que decidem cobrir o corpo todo.** UOU. Disponível em: < [> . Acesso em 06 de abril de 2024.](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/05/04/mulheres-da-modestia-as-judias-de-israel-que-decidem-cobrir-o-corpo-todo.htm)

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (Org). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2005.

BBC NEWS BRASIL. **O que é a Faixa de Gaza; resumo.** Disponível em: < [> . Acesso em: 04 de abril de 2024.](https://www.bbc.com/portuguese/articles/cq58y0rwz48o)

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5 ed. – [reimpr.] – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022 [1963].

_____. **Questões de Literatura e de Estética:** a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

_____. **Os gêneros do discurso.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930-1934].

BLAY, M. **Bibi, o sionismo religioso e o supremacismo da ultradireita judaica**. Portal João Goulart. Disponível em: < <https://www.institutojoaogoulart.org.br/israel-bibi-o-sionismo-religioso-e-o-supremacismo-da-ultradireita-judaica>>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

BORTOLINI, F. L.; VALÉRIO, P. da S. Por que é preciso aprofundar o conceito de gêneros do discurso?. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras** da Universidade de Passo Fundo, v. 17, n. 2, 2021, p. 218-237.

BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto; 2008.

CAIO QUERO. **Bolsonaro em Israel: Presidente brasileiro recua sobre embaixada e anuncia escritório comercial em Jerusalém**. BBC NEWS BRASIL. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47766575>>. Acesso em 04 de abril de 2024.

CARIGNANO, J. “**Minha charge é um contraponto ao discurso martelado pela mídia**”. Porém.net. Disponível em: < <https://porem.net/2017/12/20/minha-charge-e-um-contraponto-ao-discurso-martelado-pela-midia/>>. Acesso em: 03 de abril de 2024.

CNN BRASIL. “**Sou Messias, mas não faço milagre**”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus/>>. Acesso em 06 de abril de 2024.

COUTO, M. “**Faz o L**”: entenda a batalha pelo slogan nas redes e veja o desempenho de governo e oposição. O GLOBO. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/02/faz-o-l-entenda-a-batalha-pelo-slogan-nas-redes-e-veja-o-desempenho-de-governo-e-oposicao.ghtml>>. Acesso em 06 de abril de 2024.

CUNHA, D. da S. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver**. Monografia em Jornalismo: Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2010.

EDMUNDSON, M. V. D. A. da S. **Relações dialógicas no processo de ressignificação do discurso científico em enunciados de notícia de popularização da ciência**. 2017. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2017.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, F de M. **A construção axiológica do riso na charge: uma perspectiva bakhtiniana**. 145f. Dissertação (Mestrado em estudos da linguagem) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2013.

FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, B. (Org). Bakhtin: outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. **A sacralização da política**. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. (Org.). *Linguagem e política: princípios teórico-discursivos*. São Paulo: Contexto, 2013, v. 1, p. 21-38.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. – 2 ed., 6 reimpressão. – São Paulo: contexto, 2022.

FILGUEIRAS, G. **Significado da palavra Messias no original hebraico: ungido**. Disponível em: <https://biblia.pro.br/significado-da-palavra-messias-no-original-hebraico-ungido/>. Acesso em 06 de abril de 2024.

FRAGA, V. **O teste da Farinha**. Mostra XIV. Disponível em: <https://mostrafilmfestival.org/xiv/br/filmes/o-teste-da-farinha/>. Acesso em 04 de abril de 2024.

FRANCELINO, P. F. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2021, p. 200-220.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Maria Angelica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17-28.

LACERDA, M. L. tecendo diálogos entre funcionalismo e dialogismo para análise de fenômenos em processo de variação/mudança. **PERcursos Linguísticos**: Vitória/ES, v. 12, n. 30, 2022.

LÉON, L.P. **Relatora da ONU diz que Israel comete genocídio na Faixa de Gaza**. AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-03/relatora-da-onu-diz-que-israel-comete-genocidio-na-faixa-de-gaza#:~:text=A%20relatora%2C%20que%20tem%20um,diz%20o%20informe%20da%20relatora.>>. Acesso em 11 de abril de 2024.

LÉON, L. P. **Entenda o que é sionismo, movimento que dá origem ao Estado de Israel**. AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/entenda-o-que-e-sionismo-movimento-que-da-origem-ao-estado-de-israel>>. Acesso em: 06 de abril de 2024.

MACHADO, R. **Marcela temer nas charges**: dialogismo e construção de sentidos. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) pela Universidade de Taubaté, São Paulo, 2019.

MACIEL, L. V. de C. Os elementos constitutivos do enunciado em suas relações dialógicas: um exemplo de análise. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, 2015, p. 249-266.

MAIA, M. F. O contraste entre o falso e o autêntico profetismo em israel. **Revista Ensaios Teológicos**, Faculdade Batista Pioneira, v. 7, n. 2, 2021, p. 59-75.

PEREIRA, R. A.; OLIVEIRA, A. M. de. Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, 2020, p. 245-264.

PUZZO, M. B. Gênero discursivo, estilo e autoria. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 28, n. 2, 2015, p. 172-189.

RAMOS, C. **Gênero discursivo charge**: uma proposta pedagógica para os anos iniciais do ensino fundamental. 2013. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, K. da R. A produtividade do conceito de discurso bivocal no contexto do culto televisivo Show da Fé. **Letrônica** – Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl. 1), 2018, p. 68-82.

ROCHA, R. B. Estilo, expressividade e axiologia no ensino-aprendizagem da língua em uso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2018, p. 155-175.

ROSA, A. **O inesgotável Febeapá do governo Bolsonaro**. Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: < <https://diplomatique.org.br/o-inesgotavel-febeapa-do-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 de abril de 2024.

SANTANA, W. K. F de; GUEDES, K. Costa; LIRA, D. M. Responsividade e axiologia no gênero charge: uma proposta de compreensão a partir de Bakhtin e o Círculo. In: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Moraes; FRANCELINO, Pedro Farias; ALMEIDA, Maria de Fátima. (Org.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 17-223.

SANTANA, W. K. F de. **Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos**. In: SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular, 2017, Joao Pessoa. Cultura Popular e Cosmopolitismo: Mídia Editora, 2017. v. 1. p. 6-247.

SANTOS, L. P. da S. **A charge em sala de aula: reflexo e refração étnicas**. 2016. 110f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2016.

SANTOS, L. P, dos. **O gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo**. 2018. 258f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SANTOS, M. R. de. **Jair Bolsonaro: algumas razões para explicar o fenômeno do “mito”**. GAZETA DO POVO. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/jair-bolsonaro-algumas-razoes-para-explicar-o-phenomeno-do-mito-dt0wz8s8agwlmwpz02yia8fnq/>. Acesso em 04 de abril de 2024.

SILVA, D. N. **“Antissemitismo”**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/historiag/anti-semitismo.htm>. Acesso em 06 de abril de 2024.

SILVA, A. E. S. G. da. **Como o mito Bolsonaro foi construído na narrativa do jogo bolsomito 2k18**. XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador (BA), 2021.

SILVEIRA, É. L.; SANTANA, W. K. F, de.; SOUZA, L. C. Relações dialógicas e axiológicas no gênero charge: o caso da propaganda eleitoral. **Linguagem em Foco**: Ceará, v. 10, n. 1, 2018, p. 39- 49.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre linguagem.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 2016.

SOUZA, F de. **O que é a Faixa de Gaza? Entenda o que é o território motivo de disputa entre Israel e Hamas**. CNN BRASIL. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-a-faixa-de-gaza-entenda-o-que-e-o-territorio-motivo-de-disputa-entre-israel-e-hamas/>>. Acesso em: 12 de abril de 2024.

UOU. **O que é o Hamas? Conheça origem, significado, objetivos e quem financia**. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/10/26/o-que-e-o-hamas-conheca-origem-significado-objetivos-e-quem-financia.htm>>. Acesso em 03 de abril de 2024.

URIBE, G. **Mesmo com a saída de Netanyahu, Bolsonaro tentará manter aliança com Israel**. CNN BRASIL. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mesmo-com-saida-de-netanyahu-bolsonaro-tentara-manter-alianca-com-israel/>>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].

ZWETSCH, R. E.; TREIN, H. A. Teologia e política: uso e abuso do nome de Deus. **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, v. 15, n. 1, 2020, p. 143-166.